

Neva no Inferno

Daniel Lucindo

I

- Epá, lembrei-me agora: Azul, conta lá à Inês como é que tu deixaste aquele gajo do avião todo fodido!

"Azul" – alcunha e nome artístico de André Correia –, o tipo de cabelo cor de trigo e o elemento mais encorpado daquela mesa de esplanada do Safira Bar, perdeu um par de segundos a pensar.

- Qual gajo, de que avião?

- Então, meu! Quando foi aquele voo para o Mónaco, há uns quatro anos! Aquele gajo que tinha a arma...

- Ah ya! Ya!

- Que tu até disseste aquilo!

- Ya, já sei! Ih, caralho... - rasgou-se numa gargalhada curta e seca, virando-se para Inês, a artista, o elemento mais *zen* do grupo e, de resto, a única rapariga: magra, de cabelo acobreado escuro e nariz furado. - Então, tipo: o gajo 'tava lá com a arma, a ameaçar toda a gente, a dizer que era ele que mandava e não sei quê... E como já toda a gente sabia que aquele gajo só tinha era garganta, que enquanto o outro lá 'tivesse com a arma apontada a ele, ele não fazia nada, eu começo-me a rir e viro-me para o Lourenço: "Pá, isto é melhor que ir ao cinema". O gajo ouve e vira-se p'ra mim: "O que é que queres dizer com isso, caralho?!". e eu viro-me p'ra ele: "Nada, é que já não se fazem histórias destas em Hollywood. Este voo é tão ridículo que vai para a lista dos piores casos de fracasso de *hijacking* de sempre." Depois o gajo vira-se: "Oh, se eu fosse a ti 'tava calado!", e eu: "Achas que tenho medo de ti? Olha bem para ti! Sabes o que tu és?"

Fez força para conter a gargalhada que a frase seguinte lhe queria provocar, aumentando o tom de voz para dar ênfase:

- "És um conas!"

Inês acabava boquiaberta, com um sorriso a querer ganhar força. O resto da mesa, por sua vez, desmanchava-se a rir, apesar de não ser a décima-quinta vez que o ouviam contar aquela história.

- Azul, tu não disseste isso... Ele não disse isso! - procurou a confirmação de Lourenço.

- Disse sim, Inês. É verdade - confirma outro elemento da mesa, em vez de Lourenço.

- Ó Tomás, achas que eu vou acreditar que o Azul disse ao terrorista que ele era um conas?

- Então! Queres que eu te diga o quê? - gritou Tomás, todo ele absorvido pela graça da frase de Azul e pela reacção de Inês à mesma.

- É verdade, Inês - retomou Lourenço. - O Garção já fazia parte da banda quando isso aconteceu e estava lá connosco. Se quiseres, pergunta ao gajo se não é verdade.

Inês olhou de novo boquiaberta para todos os ocupantes daquela mesa num misto de choque e desconfiança. Tomás ria silenciosamente.

- Então espera aí... Tu disseste-lhe que ele era um conas porque achavas que ele não ia fazer nada...?

- Ya - respondeu Azul, tirando um cigarro de um maço, com a maior tranquilidade do mundo. - E o gajo mal ouviu isso apontou-me a arma à cara.

- 'Tás a gozar...

Azul acendia o cigarro, obrigando Inês e o restante grupo, agora com os sorrisos apagados, a esperar.

- 'Tou a falar a sério - disse-lhe nos olhos, fazendo novo compasso de espera para deitar fora o fumo. - O gajo viu que 'tava a perder o controlo daquilo, ainda por cima comigo a gozar com a cara dele... Passou-se. A minha sorte foi que o motor do avião “foi com o boda” mesmo nessa altura, senão ele era capaz de se descontrolar.

- Oh... - desvaloriza Lourenço, puxando a atenção para si. - Mas também, quer dizer... Se o gajo durante aquele tempo todo não tinha feito nada porque o outro gajo também 'tava armado, acho que não era a ti que ele ia disparar.

- Sim, mas, se calhar, como ele ainda não tinha apontado a arma a mais ninguém e de repente apontou para mim, era porque se 'tava a começar a descontrolar. E isso, se calhar, podia fazê-lo disparar sem pensar duas vezes.

Lourenço acena com a cabeça por um instante.

- Bem visto...

Reflectiram naquele silêncio de três segundos até que Azul soluça um sorriso.

- Achas que eu podia ter morrido?

- *NÁH!* - exagerou João entre risos, dando a entender o sarcasmo com que muitas vezes se perguntavam e respondiam uns aos outros. - Nem tu, nem ninguém naquele avião!

- Ya. Até parece que aquilo podia despenhar-se de um momento para o outro!

- Oh, o quê? Achas, mano?

Deixaram o ambiente acalmar. A parte mais ligeira do tema não parecia ter muito mais por onde se pegar.

- Sabem que esse gajo apanhou pena máxima - informou Tomás em tom de pergunta.

- Quem? - perguntou Azul.

- O norueguês.

- Não, quem é que perguntou?

Tomás voltou-se para o lado, revirando os olhos. Azul e Lourenço riram ao de leve.

- Ele era norueguês? - inquire Inês, calma mas atentamente.

- Era. E foi numa altura em que a Noruega estava a produzir muitos terroristas.

- Ya, estava agora a pensar nisso. Isso não foi mais ou menos na mesma altura daquele psicopata que matou uma mão cheia de miúdos a tiro numa ilha qualquer?

- Sim, sim, isso mesmo! O Anders Breivik.

- Sim, esse.

- Pá, não sei se foi na mesma altura. Ah... Lembras-te de quando foi, Johnny?

O primeiro nome de Lourenço era João – a quem Tomás tratava por Johnny –, sendo que esses dois nomes correspondiam às duas primeiras letras da sigla "JLC", pela qual era conhecido artisticamente. O significado da letra "C" era, porém, desconhecido do público.

- Sei lá, já deve ter sido há uns... Quê, uns quatro anos?

- Fez agora quatro anos - assegura Azul. - O primeiro Festival do Mónaco foi em 2010, que foi quando estivemos lá todos.

- Pois foi.

- E graças àquele cabrão estivemos para não lá estar! O que vale é que os Madness Cells foram *grandas* manos e trocaram o dia connosco.

- Quem mais é que tocou no vosso dia? - perguntou Inês, voltando para si os olhares incrédulos dos outros três.

- *Foooooh...* - desabafou Lourenço, desviando o olhar da mesa, com ar de escárnio.

- Isso é que é apoiar os manos... - sarcastizou Azul. - Diz que vai ver e depois nem sabe quem lá esteve...

- Eu já te disse mil vezes, Azul! Eu não pude ir nesse dia porque tinha a minha exposição! Se fosse no primeiro dia eu tinha ido!

- Então! Baldavas-te à exposição! - sugeriu Lourenço, ao que Tomás e Azul riram baixo por um instante. - Exposição tinhas todos os dias!

Inês desviou o olhar para o vazio, vidrando-o com condescendência.

- Mas respondendo à tua pergunta - continuou Tomás -, nós éramos para tocar com Apocalyptica, Trivium e Iron Maiden. Acabámos por tocar no dia de Kvelertak, Insomnium e Megadeth.

- A sério? Foi fixe?

- *NÁÁH!* - exclamaram Azul e Lourenço em uníssono.

- Ora bom... - Tomás preparava-se para ironizar. - Estás a perguntar se partilhar o palco com Megadeth foi fixe? Hum... Deixa-me cá pensar...

Um rapaz loiro, de camisa preta de mangas arregaçadas, ainda nos seus vinte e alguns anos - tal como boa parte do grupo - aproximou-se da mesa e apontou para as chávenas de café vazias.

- Posso levar isto?

- Sim, leva - respondeu Inês, virando-se depois para Azul. - Então e a tua banda, Azul? É para trabalhar ou não?

Azul, que levava o copo de moscatel à boca enquanto a pergunta era feita, limitou-se a manter a boca fechada e a abanar suavemente a cabeça em negação.

- Não? Então? Já não vos vejo fazer nada há meses!

Azul engoliu, pousou o copo e ferrou o olhar em Inês.

- O último concerto foi em Janeiro. Portanto, há praticamente seis meses. E antes disso tínhamos ficado outros seis meses parados. Obrigado por me lembrares.

O resto da mesa riu-se, para (ainda maior) embaraço de Inês.

- Não, mas calha bem falares disso. Foi uma pergunta bastante pertinente.

- Então?

Encolheu os ombros e pestanejou ao mesmo tempo, perdendo um par de segundos a olhar para ela e virando o olhar para Lourenço logo depois. Não resistiu a rir-se silenciosamente por um instante.

- 'Tão?! - riu Lourenço. - Tens ou não tens nada para dizer?

- Tenho, mano!

- Então diz lá, Azul! - pediu Inês.

- Pá...

Voltou a deixá-los na expectativa. Desta vez, de olhos postos no seu copo, pensando, não em como havia de dizer, mas no que iria dizer.

Até que pensou: "Olha, que se foda..."

- Vou bazar da banda.

- O quê?!

- Vais bazar da banda?!

- Pá, não é bem "bazar" - aprontou-se Azul em resposta às reacções. - Vou fazer uma pausa, vá...

- Pensava que era isso que vocês 'tavam a fazer! - troçou Lourenço.

- Olha... - apontou-lhe o dedo. - 'Tás a gozar, mas é mesmo por causa disso que quero sair por um bocado.

- Então?

- Então a banda 'tá sempre parada! De vez em quando alguém lembra-se: "Ah, 'bora fazer um álbum", ou "Ah, 'bora ver se damos uns concertos"; mas depois, quando se apanham outra vez sem nada para fazer, ficam séculos a coçá-los!

- Então mas tu também contribuis para isso! Quer dizer... Quando tu dizes que a banda não faz nada é porque tu também não fazes muito!

- Oh... Pronto, 'tá bem, isso até pode ser verdade. Só que um gajo quando fica muito tempo nestas situações... É que aquilo funciona assim: quando alguém tem uma ideia bacana, o resto do pessoal até alinha. Só que depois, quando chega a hora de trabalhar, o gajo que teve a ideia dá tudo e o resto do pessoal, das duas, uma: ou trabalha a meio gás, ou 'tá-se a cagar.

- Ya, isso é uma merda...

- Fora isso, o pessoal lá se junta para umas *jams* e lá vai compondo umas merdas novas de improviso, mas pronto, não é aquela cena... Não bate tanto como quando todos se focam a cem por cento, ou quando há um objectivo mais a sério... Aliás, se não fossem as cenas que eu faço à parte, como as *tournées* com os Exhaustive e isso, se calhar já tinha dado em maluco de ficar parado tanto tempo.

- Isso é verdade - concordou Tomás -, eu também não consigo ficar parado muito tempo. Até é fixe um gajo tirar um bocado para vir a casa, estar assim com o pessoal e tal, mas mais que isso e depois um gajo farta-se...

- Então mas... - Lourenço reflectia sobre os planos de Azul. - Se tu vais sair da banda, vais ficar ainda mais tempo sem fazer nada!

- Não, porque eu já tenho planos para os próximos tempos.

- Que planos?

- Pá... - encostou-se para trás e suspirou de boca fechada. - Se calhar vou estudar para Londres.

- Vais estudar para Londres?! - perguntou Inês, quase escandalizada. Os restantes limitavam-se a deitar para fora um "Ah!" de surpresa, ou a deixarem-se paralisar embasbacados.

- Se calhar. Quer dizer... Já tenho a viagem marcada, só falta tratar da casa.

- Ah, é bem!!! - exclamou Tomás.

- Então é mesmo só "se calhar"! Se já tens a viagem marcada...! - troçou João.

- Pá, 'tou a dizer "se calhar" porque ainda não sei se fico na universidade a que me candidatei.

- És mesmo uma puta imitadora! - insultou João, em tom de brincadeira. - Vais logo estudar para o mesmo sítio que o Daniel foi.

Azul pegou no seu copo, pronto a beber mais um trago.

- Foi o gajo que me aconselhou a ir.

- A sério?

- Ya, 'tou a tentar ir para a universidade onde ele 'tava. Ele disse que aquilo era porreiro, que tinha tido "granda" experiência, e tal... E eu pensei: olha, sempre é uma boa recomendação.

- E vais tirar o quê?

- O curso chama-se "Musical Performance and Production", portanto deve ser qualquer coisa do tipo Actuação e Produção Musical, ou uma merda assim...

- Olha! É fixe! - elogiou Tomás.

- Ya, sempre me ajuda a ter uma abordagem mais profissional da cena. Digo eu... E se ficar lá, em princípio devo ficar no campus daquilo; que, pelo que o gajo diz, também é fixe. E como fica a metros das aulas, calha bem.

- Oh, mas o Daniel dizia que aquilo era p'ra aí o triplo do que se paga cá - contrapôs Lourenço. - Tu tens dinheiro para isso?

Como que ofendido pela pergunta, encolheu os ombros e desviou a cabeça para o lado por um tempo, tentando devolver alguma da falta de consideração que lhe era demonstrada.

- Porra, também não 'tou assim tão mal de dinheiro! Marquei a viagem mais cedo para poupar algum, é verdade, mas tenho o suficiente para me aguentar!

- Ah é?

- Oh... Claro! Achas que me compensava alguma coisa eu ir para lá sem segurança?

- Pá... Compensar, não compensava; mas tu saíres da banda para ir estudar para fora também não é propriamente produtivo!

- O quê, 'tás a gozar? O pessoal da banda sempre se 'teve a formar em qualquer coisa e isso mais tarde tornou-se produtivo!

- Sim, mas estavam sempre perto uns dos outros!

- Nem sempre! Então e o Saca? Ele também já anda em Londres há anos!

- Mas isso é diferente, mano! O Saca é só vocalista, não toca nada que faça muita falta! Tanto que, se não canta ele, cantas tu!

- Então e não pode haver uma guitarra a menos? A banda só precisa de um baterista, um guitarrista e um baixista!

- E não achas que vai soar diferente com uma guitarra a menos? E outra cena: quem é que canta?

Sem resposta à mão, Azul deixou-se relaxar, com o copo meio cheio a pedir-lhe para ficar meio vazio.

- Bem visto... - bebeu até o copo ficar quase vazio. - Pá, se a banda decidir fazer qualquer coisa, depois logo se vê. Se for preciso, apanho um voo e vou ter com eles.

- E a universidade?

Sacudiu o ar com a mão.

- Depois logo penso nisso, mano. Não sei... Agora quero ver é se me dão resposta, que é para saber se vale a pena começar a fazer as malas.

- Não querendo mudar muito de assunto... - interrompeu Inês. - Então e a Ana? Como é que é?

Respirou fundo e esfregou a nuca vagarosamente, com uma expressão emaranhada.

- Eu e a Ana... 'Tá um bocado complicado...

- Como assim, "'tá um bocado complicado"?

- Pá, a Ana acha boa ideia eu ir, mas para ela é a mesma coisa que eu ir em *tournée*. Diz que não quer ir pelas mesmas razões que não quer acompanhar a banda: que prefere ficar em Portugal a fazer a cena dela e que já lhe chegam as merdas que tem que aturar quando eu 'tou cá.

- Hã... Ela disse-te mesmo isso? - perguntou Lourenço.

- Ya...

- Porra! E não ficaste fodido?

- Não! Tive só que me conter para não a mandar p'ró caralho e saí do pé dela - sarcastizou. - Até parece que eu não tenho merdas dela para aturar...

- E não lhe explicaste que era uma situação diferente? - sugeriu Inês. - É que uma coisa é uma digressão em que vocês nunca param muito tempo no mesmo sítio. Outra coisa é *tu* ires para fora para ficares a estudar. Ainda por cima em Londres, que é só um mundo de oportunidades completamente diferente!

- Ya, eu...

- E é brutal, também.

- Eu disse-lhe isso, que assim até era fixe para partilharmos casa. A cena é que ela continua a achar que não é isso que ela quer. E como eu também já me cansei de insistir, caguei...

- Mas vocês vão continuar juntos, ou não?

- Pá, eu por mim... Acho que não há motivos para nos separarmos. Continuamos a gostar um do outro, só a distância é que complica para nos vermos mais vezes, que nós até nem temos tido muitas oportunidades para estarmos juntos. Mas também não é nada que um voo de vez em quando não resolva.

- Sim, isso é verdade...

Com as dúvidas mais básicas esclarecidas, a mesa fechou-se num silêncio cujos autores faziam acompanhar por um olhar vago e sem ponto certo. A notícia da partida de Azul era o tema da noite, sem qualquer margem para dúvidas, para além de ser um ponto de viragem nas suas próprias vidas - mesmo que mínimo. Afinal de contas, apesar de não ser um elemento fixo da banda, Lourenço e Tomás deixavam de poder contar com ele nos Exhaustive caso quisessem tocar em Portugal. Só faltava fazer a derradeira pergunta, saída da boca de Lourenço:

- Então e quando é que vais para lá?

Azul puxou do maço de tabaco.

- Tenho viagem marcada para dia 15 de Setembro - fez uma pausa para acender um novo cigarro. - Mas é a tal cena: ainda não sei se fico.

- Então porque é que já marcaste a viagem?

- Pá... - suspirou pelo nariz, fazendo notar algum fumo no ar. - É só para não ter que marcar tudo à pressa, se ficar. É que, parecendo que não, ainda é uma diferença de pelo menos cem euros se ficar à espera que me digam se fico ou não. Mas tenho quase a certeza de que fico...

- Tá bem. Mas e se não ficares?

- Se não ficar, que se foda. Arranjo para lá alguma merda para fazer. Aqui é que eu não fico a fazer nada de certeza. Ao menos lá sempre tenho mais oportunidades, acho eu. E depois é

assim: se um gajo não faz para as coisas acontecerem, elas também não acontecem sozinhas. Farto 'tou eu de andar a engonhar. Por isso, olha: vou e, se correr bem, correu; se correr mal... Olha, pelo menos não me arrependo de não ter arriscado...

Lourenço solta uma pequena risada provocada pela pronúncia de Azul, apesar deste não se aperceber.

- O quê? – pergunta-lhe Azul.

- O Azul vai “arrescar”!

A piada íntima anima-o, bem como ao resto da mesa. Sempre fora essa a fonte da sua força. Sabia que, por muitas asneiras que fizesse, por muitos problemas em que se metesse e por todos os momentos baixos por que passasse, podia sempre contar com aquele grupo para se reerguer como se nada fosse. Seria mais complicado fazê-lo longe de todos, mas estava disposto a seguir em frente sem medo.

Não questiona. É só mais uma ponte por atravessar.